

A construção estativa com o verbo *ser*

José Romerito Silva^a

Marília Campos Sabino^b

Resumo

Neste artigo, temos como objeto de estudo a construção estativa com o verbo ser – CE-Ser. Nosso objetivo é analisar usos dessa construção no português atual considerando o continuum léxico-gramática. Nesse sentido, diferenciamos-nos, sobretudo, de abordagens que tomam o verbo ser como meramente relacional, desprovido de significado. A análise é de natureza qualitativo-interpretativa, fundamentada na Linguística Funcional Centrada no Uso e na Gramática de Construções. Os dados advêm do Corpus Discurso & Gramática (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, 1996, 1997, 1998; FURTADO DA CUNHA, 1998) e do Banco Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA, 2011), compreendendo textos das modalidades falada e escrita. Os resultados apontam que a construção com ser é instanciada por um leque gradiente de microconstruções, as quais se distribuem entre aquelas em que ser é mais lexical e aquelas em que esse verbo tem papel unicamente procedural. Nessa variedade de usos, estão implicados fatores cognitivos e discursivo-pragmáticos como mecanismos motivadores.

Palavras-chave: Construção estativa. Verbo ser. Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções.

Recebido em: 28/02/2020

Aceito em: 11/05/2020

^a Escola de Ciências e Tecnologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: jromeritosilva@hotmail.com.

^b Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: lia_sabin@yahoo.com.br.

Introdução

Um verbo que tem sido alvo de estudos tanto por gramáticos quanto por linguistas, em razão de sua versatilidade, é *ser*. Para Benveniste (1995, p. 204), a visão mais recorrente desse verbo na atualidade é a de seus usos gramaticalizados, e não a de seus exercícios lexicais. Essa visão é reforçada por Travaglia (2003), Coelho (2006), Castilho (2010), Rodrigues e Cecilio (2012), segundo os quais *ser* parece mais gramatical do que lexical, visto que atua como verbo copulativo e como auxiliar (mais gramaticalizado). Conforme Ribeiro (2019, p. 114), no decorrer do tempo, tal verbo foi se impregnando de abstratização, perdendo conteúdo nocional e incorporando funções gramaticais.

Alguns estudos dão conta da versatilidade de *ser* como verbo lexical e verbo gramatical na sincronia em curso do português. Entre eles, por exemplo, estão: o de Carmo (2004), que analisa esse verbo no romance de um autor português; o de Ilari e Basso (2008), em seu estudo sobre a categoria verbo; o de Pavão e Vieira (2013), que examina as distinções entre *ser* e *estar* em viés construcionista; o de Ferreira (2015), que aborda as diferenças aspectuais de tais verbos na construção relacional; o de Santos (2016), que trata igualmente desses verbos sob a ótica funcionalista, observando sua variabilidade na relação forma-função.

Neste trabalho, embora nos apropriemos de contribuições desses estudos, seguimos orientação relativamente distinta deles. Aqui, concentramo-nos mais especificamente na construção estativa¹ com o verbo *ser* (doravante, *CE-Ser*) no português contemporâneo, observando usos desse verbo na gradiência léxico-gramática. Isso se justifica levando-se em conta o entendimento – com base em dados empíricos – de que há microconstruções em que tal verbo cumpre papel nitidamente lexical, como núcleo de predicado, equivalente a um verbo de conteúdo pleno; outras em que ele tem estatuto mais gramatical, atuando como verbo procedural, desprovido de carga semântica referencial e de centralidade sintática; e outras em que ele parece ambíguo, revelando caráter +/-lexical ou +/-gramatical². Desse modo, afastamo-nos, em certa medida, tanto da ideia do emprego de tal verbo em função unicamente gramatical quanto da visão que o descreve discretamente como funcional ou lexical.

Nossa análise apoia-se no aparato teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso, que conjuga a tradição funcionalista norte-americana com a Gramática de Construções, de

¹ Optamos aqui pelo termo “estativa”, acompanhando Croft (2010, p. 247), por entender que esse termo traduz melhor o significado básico da construção, dando conta de seus diversos usos. Nesse sentido, afastamo-nos do termo “relacional”, utilizado por Ferreira (2015, p. 63), em razão de parecer mais vinculado/restrito ao aspecto sintático.

² Esclarecemos, de antemão, que, dadas a imensa diversidade dos usos de *ser* no português atual e as limitações deste artigo, não contemplaremos todas as construções com esse verbo.

base cognitivista. O estudo é de natureza qualitativo-interpretativa, por meio do qual buscamos identificar, descrever e examinar padrões construcionais com o verbo *ser* observando seus aspectos funcionais e formais. Para tanto, valemo-nos de dados do *Corpus Discurso & Gramática - Corpus D&G* - (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, 1996, 1997, 1998; FURTADO DA CUNHA, 1998) e do *Banco Conversacional de Natal - BCN* - (FURTADO DA CUNHA, 2011). Esses *corpora* compreendem uma variedade tipológica de textos que captura usos do português falado e escrito entre a última década do século XX e a primeira do século XXI.

Nessa direção, propomo-nos responder as seguintes questões: (1) como se instancia a *CE-Ser*, no português atual, em termos semânticos e formais, considerando o *continuum* léxico-gramática? (2) que fatores cognitivos, discursivos e/ou pragmáticos estão implicados nos usos dessa construção?

Este texto encontra-se dividido nas seguintes seções: nesta, introdutória, fazemos uma breve apresentação geral do trabalho; na segunda, traçamos um quadro sucinto da Linguística Funcional Centrada no Uso; na terceira, retomamos brevemente algumas abordagens sobre o verbo *ser*; na quarta, procedemos à análise propriamente dita do objeto sob enfoque; na quinta, tecemos alguns comentários finais sobre o estudo realizado.

A Linguística Funcional Centrada no Uso

Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) refere-se a uma vertente teórica que conjuga a tradição funcionalista norte-americana, nos moldes de pesquisadores como Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Closs-Traugott, Joan Bybee, com a Linguística Cognitiva, em particular, a Gramática de Construções, representada, sobretudo, por Adele Goldberg, William Croft, Mirjam Fried, Graeme Trousdale, entre outros.

Entre os pressupostos teórico-metodológicos da LFCU, estão: a concepção de língua como um sistema adaptável complexo, que emerge, regulariza-se e se transforma com base nas necessidades comunicativas de seus usuários, envolvendo processos cognitivos e motivações sociointeracionais; a postulação de que a língua se constitui de uma rede de construções hierarquizadas e interconectadas por relações diversas, sendo a construção a unidade linguística básica; o posicionamento quanto à integração entre língua(gem), discurso, cognição, cultura e interação; a

ideia da escalaridade entre léxico e gramática; a defesa de que a investigação linguística deve ancorar-se em dados de fala e/ou de escrita, provenientes do discurso natural, considerando, além dos aspectos formais, os fatores semânticos, cognitivos, discursivos e pragmáticos subjacentes (BECKNER *et al.*, 2009, p. 7; BYBEE, 2010, p. 9; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

De acordo com Goldberg (1995, p. 1), “construção” designa o pareamento simbólico e convencional entre forma e função na língua. Nesse sentido, a construção é um padrão linguístico abstrato, resultante de processos indutivos dos falantes por meio de usos recorrentes em situações de interação verbal. Conforme a proposta de Croft (2001, p. 18), no polo da forma, estão presentes propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; no da função, propriedades semânticas, discursivas e pragmáticas.

Tal conceito se aplica desde o campo do morfema até unidades maiores do que a palavra, como sentenças e gêneros discursivos, abarcando uma representação uniforme de todos os níveis que formam o conhecimento linguístico (ÖSTMAN, 2005, p. 121). Assim, com a proposição da língua como rede de construções, dos níveis mais simples aos mais complexos, rejeita-se a distinção rígida entre léxico e gramática, entre gramática e discurso, os quais são vistos como indissociáveis e em um *continuum* ao longo do qual se organizam as construções. Frases feitas e expressões idiomáticas são consideradas tão importantes como os objetos tradicionais no estudo da sintaxe e da morfologia.

Para Fried (2015, p. 977), tanto as construções lexicais como as gramaticais podem ser completamente não especificadas (ou totalmente esquemáticas), constituindo construções abertas; inteiramente especificadas e parcialmente flexíveis; parcialmente preenchidas; ou totalmente idiomáticas/especificadas, isto é, construções idiossincráticas.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 163), em relação à construção, três fatores merecem destaque: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*. São propriedades que permitem aferir o grau quanto à especificidade, diversificação, transparência forma-função, analisabilidade, entre outros aspectos, de uma construção.

Esquemas são generalizações taxonômicas que apontam para padrões de experiência rotinizados. São abstrações inconscientemente percebidas pelos falantes. *Esquematicidade* diz respeito, então, a quanto uma construção (em suas propriedades

formais e funcionais) é geral e aberta ou específica, devendo ser considerada em um *continuum*. Está relacionada com o grau em que uma construção captura padrões mais gerais em uma série de construções mais especificadas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Portanto, generalidade, virtualidade e (in)especificidade são noções relativas a esse parâmetro.

Produtividade também é um fenômeno gradiente, a qual se refere à extensão e à frequência com que novas instâncias de um esquema construcional aparecem. Diz respeito, ainda conforme Traugott e Trousdale (2013, p. 164), ao grau em que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas e ao grau em que tais esquemas são restringidos, atuando, assim, no nível da potencialidade esquemática.

Aumento na frequência de uso corresponde a aumento na frequência do construto (quantidade de vezes em que a mesma unidade ocorre no texto). Em relação a isso, de acordo com Himmelmann (2004, p. 32), o processo de expansão de contexto pode dar-se em três níveis: a) mudança da *classe hospedeira* (*host class*), com a ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria; b) mudança de contexto sintático, com rearranjo na ordem dos constituintes internos e formação de uma nova sintaxe regular de expressão; c) mudança de contexto semântico-pragmático, com ressemantização dos itens envolvidos. Esses processos estão relacionados ao que Bybee (2010, p. 67) denomina “frequência de *type*” (*type frequency*), que tem a ver com a produtividade de uma construção. Nessa perspectiva, o aumento da classe hospedeira de uma construção permite o surgimento de novos *types* construcionais, que representam instanciações dessa construção em grau menos esquemático/mais especificado.

Composicionalidade, por sua vez, refere-se ao alinhamento construcional, ao grau de transparência entre forma e significado no nível da construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Há a composicionalidade semântica e a composicionalidade sintática. A primeira diz respeito à soma dos significados das partes. Uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes ainda é recuperado no significado do todo. Composicionalidade sintática, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfossintática das subpartes, no sentido de que, quanto mais composicional, mais essas subpartes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte.

Portanto, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), uma construção superordenada, de esquema genérico, envolve a combinação de outros diferentes (sub)tipos de construções (subesquemas), os quais podem, individualmente, ser instanciados por microconstruções, cada uma com suas particularidades formais e sem necessária coincidência semântica entre si. Na abordagem construcional, o foco recai na instanciação de esquemas, na relação entre subpartes e seu nível de vinculação, com interesse especial nos esquemas mais abstratos (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

De acordo com a proposta de Goldberg (1995, p. 75), as construções formam uma rede organizada por *links de herança* (*inheritance links*) que motivam, sintática e semanticamente, as propriedades das construções particulares, sendo restrições taxonômicas e permitindo categorizações em vários níveis de generalidade. A autora postula quatro tipos de *links* de herança mais gerais: herança por *polissemia* (extensões de sentido de uma construção com base no significado nuclear prototípico de outra); por *subparte* (construção com propriedades semânticas de outra, mas tendo configuração formal e função discursivo-pragmática distintas); por *instanciação* (uma construção mais simples é utilizada como uma versão mais plenamente especificada de outra); por *metáfora* (o sentido da construção dominante é projetado no sentido da construção dominada por meio de mapeamentos metafóricos entre componentes de ambas). Goldberg admite, além desses *links*, a possibilidade de relações de *herança múltipla*, quando uma construção herda propriedades de mais de uma construção de naturezas distintas.

A difusão de (micro)construções na rede, relacionada aos fenômenos linguísticos de variação e mudança, envolve fatores cognitivos e sociocomunicativos, os quais coatuam integradamente. Entre eles, contam-se processos/mecanismos como metonímia, metáfora, (inter)subjetividade, inferência pragmática, analogia, *chunking* e neanálise, que se encontram minimamente delineados a seguir.

Conforme Traugott e Dasher (2002, p. 34-35), *metonímia* relaciona-se com alteração conceitual e/ou formal de uma construção, em razão da contiguidade entre certos componentes, resultando na substituição de um por outro(s); *metáfora* diz respeito ao mapeamento conceitual entre um domínio fonte e um domínio alvo em uma dada construção, revelando algum grau de abstratização de seu conteúdo; *(inter)subjetividade* tem a ver com

o fato de uma construção exibir alguma propriedade nocional voltada para o falante/escrevente ou para a relação deste com o ouvinte/leitor; *inferência pragmática* dá-se quando o interlocutor atribui sentido a uma nova expressão (implicatura) com base em certas pistas do co(n)texto discursivo. Segundo Bybee (2010, p. 57), *analogia* refere-se ao caso de uma construção ser formulada em termos de outra pelo fato de ambas compartilharem alguma similaridade de forma e/ou de conteúdo; *chunking* consiste na junção de itens linguísticos que coocorrem repetidamente, os quais podem integrar-se a ponto de resultarem em uma nova unidade de forma e função, isto é, um *chunk*. Para Traugott e Trousdale (2013, p. 35), *neoanálise* significa reinterpretação semântica e reorganização formal de uma sequência de itens sob determinadas circunstâncias de uso.

O verbo *ser*

A complexidade do verbo *ser* resulta de sua natureza etimológica. Segundo Bagno (2011), três radicais convergiram para compor a conjugação de *ser* no português: *essere* (“ser”), *sedere* (“estar sentado”) e *fu-* [de *bheuə*] (“existir”). Nesse sentido, ele é diacronicamente híbrido, pois aglutina formas de étimos distintos.

O uso frequente de *ser* como verbo pleno tornou-se escasso no século XIV. Seu traço semântico de *transitoriedade* passou a ser um “resíduo arcaizante”. O verbo assumiu, então, o traço semântico de *permanência*. O uso de *ser* faz uma atribuição intrínseca à coisa a que se refere, transferindo-lhe uma identidade ou uma qualidade permanente, pela qual pode ser reconhecida, considerando sua significação arcaica de *estar sentado* (CASTILHO, 2010).

Segundo Gaspar (2011, p. 116), *ser* ainda carrega seu valor etimológico em alguns casos, embora sua ocorrência como verbo funcional se dê em maior escala. No decorrer do tempo, ao se expandir semanticamente, esse verbo foi impregnando-se de abstratização, perdendo conteúdo nocional e incorporando funções gramaticais. É, portanto, relacional/de ligação por excelência, o que também é defendido em Travaglia (2003).

Nas gramáticas normativas, no domínio da morfologia, *ser* é considerado no que se refere à sua participação em estruturas perifrásticas e seu comportamento como verbo auxiliar aspectual bem como às suas flexões; no domínio da sintaxe, é tido como verbo copulativo (de ligação, ou transpositor), que apenas conecta um

termo a outro (sujeito e predicativo), sendo considerado desprovido de significação plena (ROCHA LIMA, 2010; CUNHA; CINTRA, 2013). Assim, esse verbo é tratado no limite da estrutura oracional como um constituinte gramatical(izado) sem conteúdo significativo em si mesmo (COELHO, 2006; RODRIGUES; CECILIO, 2012).

Contudo, para Vilela e Koch (2001), não se pode afirmar que o verbo *ser* se esvaziou plenamente de sua carga semântica, pois, conforme demonstram usos do português contemporâneo, esse verbo apresenta diferentes significados e funções discursivas – lexicais e/ou gramaticais – em variados contextos de uso. De fato, Gaspar (2011) informa-nos que *ser* já exibia, em parte, essa diversidade de valores desde o português arcaico. Assim, continua a ser empregado tanto como forma lexical quanto como forma gramatical, assumindo diversas funções, de acordo com a situação comunicativa. Essa visão também é compartilhada por Ilari e Basso (2008) e Santos (2016), por exemplo.

Carmo (2004), em particular, demonstra que o verbo *ser*, no domínio lexical, é atualmente utilizado com sentidos diversos, revelando valores semânticos e propriedades morfossintáticas de verbos plenos. No domínio gramatical, além das funções tradicionalmente reconhecidas de copulativo e auxiliar, a autora menciona a de modalizador e a de conectivo em expressões fixas. É relativamente nessa direção, portanto, que examinamos a *CE-Ser*, considerando-a na gradiência léxico-gramática, no tópico a seguir.

A *CE-Ser* no português contemporâneo

Inicialmente, cabe assinalar que a construção estativa (CE) consiste em um esquema hierarquicamente superordenado em relação a um conjunto variado de subesquemas e de (micro) construções que ela sanciona. Trata-se de uma construção não especificada, que tem como significado geral a ideia de *modo de ser/estar* em um determinado tempo (permanente ou provisório), relacionada com um sujeito inativo/não agentivo, nucleada por um verbo estativo, não dinâmico (CROFT, 2010). Os subesquemas que instanciam essa construção se vinculam às noções básicas de *essência/existência* e de *estado* ou, ainda, a significados aspectuais relativos a tais noções, sendo estas extensões semânticas de significados mais ligados à concretude. Essa diversidade de subesquemas da CE expõe seu caráter produtivo quanto à frequência de *type*, na acepção de Bybee (2010).

Grosso modo, tal construção pode ser esquematizada, em sua configuração prototípica, como $[(X_{\text{SUJ}}) [V_{\text{COP}}] [Y_{\text{PREDICT}}]]$. Nesse esquema, X_{SUJ} designa a categoria *sujeito* (Suj) – inativo/não agente –, o qual, na construção, é um termo previsto, mas não obrigatório, uma vez que há microconstruções estativas, particularmente com o verbo *ser*, em que esse termo não se realiza, tornando vazio o *slot* a ele reservado. Daí, ser representado entre parênteses. V_{COP} refere-se ao *verbo copulativo*, que pode ser instanciado por *types* verbais distintos sancionados pela construção. Y_{PREDICT} corresponde ao termo *predicativo* (Predict), que ocupa esse *slot* na construção expressando uma situação, propriedade ou característica relativa ao Suj. Esse esquema genérico sanciona certa variedade de subesquemas construcionais estativos (entre eles, a *CE-Ser*): [SN V SN], [SN V SA], [SN V SAdv], [SN V SP], [SN V Or]. Estes, por sua vez, podem ser instanciados por microconstruções diversas, relacionadas, em maior ou menor grau, ao significado básico da CE. Nessa perspectiva, a construção com o verbo *ser*, portanto, é tomada como uma instanciação subesquemática, juntamente com outras construções de natureza similar, na rede dessa construção matriz (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A figura a seguir ilustra parcialmente esse entendimento.

Figura 1. Rede esquemática da CE³.



Fonte: Autoria própria.

Como pode ser vista na figura, a construção com *ser* constitui um subesquema da CE mais geral, prototipicamente associada ao conceito de *essência/existência*, ou seja, a um estado ou uma propriedade inalienável/permanente do ser (ARRAIS, 1984). Todavia, dados o leque de especificidades semânticas do verbo *ser* nas (micro)construções que a instanciam e a diversidade discursivo-pragmática que elas apresentam, examinamos aqui a

³ Por não atuarem como cópula, não incluímos na rede verbos também considerados estativos. A esse respeito, remetemos a Arrais (1984).

CE-Ser em perspectiva escalar, buscando capturar sua distribuição na gradiência léxico-gramática.

O quadro a seguir expõe sucintamente as microconstruções com *ser* copulativo, que parece ser um dos usos mais básicos e comuns desse verbo⁴, segundo atestam, por exemplo, Rocha Lima (2010), Castilho (2010), Gaspar (2011), Santos (2016).

Quadro 1. Microconstruções com o verbo *ser* copulativo (+/- gramatical).

Significados e configurações formais	Construtos exemplificativos
1. Copulativa de identificação (reversível) [[SN _{SUJ}] [Ser _{COP}] [SN/Or] _{IDENTIFICAÇÃO}]	(1) ... o técnico <u>era</u> João Saldanha né... hoje falecido... (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 12).
2. Copulativa de classificação (irreversível) [[SN _{SUJ}] [Ser _{COP}] [SN] _{CLASSIFICAÇÃO}] ⁵	(2) <i>Ele é um contador de estórias por natureza.</i> (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 75).
3. Copulativa de qualificação (irreversível) [[SN _{SUJ}] [Ser _{COP}] [SA] _{QUAFILICAÇÃO}]	(3) <i>todas as mulheres são safadinhas... né?</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 54).
4. Copulativa de descrição (irreversível) [[SN _{SUJ}] [Ser _{COP}] [SN/SP] _{DESCRIÇÃO}]	(4) ... a minha mãe é uma pessoa super legal... sabe? (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 82).
5. Copulativa de identificação focal clivada (reversível) [[Ser _{COP}] [SN] _{IDENTIFICAÇÃO} [Or _{RELATIVA}] _{SUJ}]	(5) ... <u>era</u> ela quem estava dormindo... (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 35).
6. Copulativa modalizadora avaliativa (irreversível) [[SN _{SUJ}] _{QUALIFICADOR} [Ser _{COP}] [(que) Or] _{QUALIFICADO}]	(6) ... o lado bom é que hoje ele é campeão... de... natação... (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 51).
7. Copulativa identificadora referencial/temporal (irreversível) [[Ser _{COP}] [SN/SA _{Adv}] _{REFERENTE/TEMPO}]	(7) <u>Era</u> mês de março... (VOTRE; OLIVEIRA, 1997, p. 28).

Fonte: Autoria própria.

Nas microconstruções desse quadro, o verbo *ser* tem papel eminentemente copulativo, estando, em parte, esvaziado de conteúdo lexical⁶, porém ainda constituindo núcleo de predicado. Nesse viés, tal verbo apresenta, em parte, algumas prerrogativas de verbo pleno: tem estatuto de verbo principal, por nuclear o SV;

⁴ Um levantamento realizado por Sabino (no prelo) no *Corpus D&G* aponta um percentual 72% do total de ocorrências relacionado ao uso de *ser* copulativo, distribuídas quase equanimente entre os usos identificativo e atributivo. Esse resultado confirma, em parte, dados expostos em Carmo (2004) e em Ferreira (2015).

⁵ Inclui-se nessa categoria o caso ilustrado pelo construto *Sou Flamengo*. A formação dele, provavelmente, se deu a partir da neoanálise da microconstrução (X_{SUJ}) *ser_{COP} adepto/partidário/torcedor* _{CLASSE} de $Z_{ENTIDADE}$ em que se suprime a expressão "adepto/partidário/torcedor de", resultando no pareamento (X_{SUJ}) *Ser_{COP} Z_{CLASSE}* de base metonímica (entidade pelo membro/representante), em analogia com o modelo copulativo padrão.

⁶ O verbo *ser_{COP}* é visto aí como relativamente esvaziado de conteúdo lexical, pois, mesmo nessa condição relacional, exprime noção de *essência/existência/estado permanente*, contrastando com a de *estar* (transitória).

vincula-se a constituintes oracionais (SN, SA, SP, SAdv, Or), não sendo auxiliar/suporte de outra categoria verbal; é passível de auxiliarização, modalização e negação (GASPAR, 2011).

Essas microconstruções com *ser* copulativo, embora apresentem poucas diferenças na configuração formal entre si, têm propriedades sintáticas e nuances semânticas bem distintas no Suj e no Predict, que podem ser relacionadas a diferentes pressuposições. Os casos 1, 5, 6 e 7, por exemplo, relacionam-se à pergunta pressuposta *Quem/Qual/O que (conceitual) X ser?*, o que leva à *identificação* referencial do Predict como a informação nova; o 2 responde a *O que (categorial) X ser?*, cujo Predict fornece informação *classificadora*; o 3, a *Como X ser?*, em que o Predict expressa um *atributo/modo de ser* do Suj; o 4, por ser de caráter *descritivo*, compartilhando, em maior ou menor grau, traços tanto da copulativa *classificadora* quanto da *atributiva*, oscila entre as perguntas pressupostas em ambas. Contudo, parece vincular-se mais a esta última, salvaguardando-se as restrições entre elas.

Ainda uma observação sobre particularidades semânticas dessas microconstruções é que parece haver uma tendência informacional entre Suj e Predict: o primeiro tende a carrear sempre uma informação de natureza mais genérica/hiperonímica, enquanto o segundo, uma informação mais restritiva/hiponímica, mesmo se referindo à classificação, como o caso 2. Poderiam ser considerados exceções os casos 3 e 4 por representarem qualificação/descrição, que não são propriamente referenciais. Contudo, mesmo assim, trata-se de uma certa particularização, posto que o objeto de discurso referido no Suj é, de certo modo, especificado pela qualidade/caracterização que lhe é atribuída no Predict.

Em relação a essas microconstruções, cabe esclarecer que uma propriedade singular dos casos 1 e 5 é a reversibilidade, ou seja, a possibilidade de permuta entre o Suj e o Predict. Na ocorrência (1), por exemplo, *João Saldanha* (Predict) identifica *o técnico* (Suj), sendo essa microconstrução de caráter *identificacional*. A permuta posicional desses termos tem como consequência a alteração entre o que carrega a informação nova – o foco –, representado pelo Predict, e o que expressa a informação velha – o tópico –, representado pelo Suj. Desse modo, a inversão entre os termos resultaria na modificação informacional em termos pragmáticos.

Chama à atenção o caso 5, exemplificado pelo construto *era ela quem estava dormindo*. Trata-se de uma construção complexa clivada,

na qual o Predict (*era ela*) corresponde ao foco contrastivo que identifica o Suj posposto (*quem estava dormindo*), uma oração relativa livre.⁷ Contudo, mesmo em casos assim, em que o Predict antecede o Suj – por motivações discursivo-pragmáticas –, parece manter-se o princípio de o conteúdo novo ser a informação mais específica. Essa microconstrução representa o fenômeno de herança múltipla: herda, entre outras, propriedades da construção copulativa, da relativa livre e da clivada prototípica [Ser SN que(m) Or].

No tocante à irreversibilidade de microconstruções copulativas (como os casos 2, 3, 4, 6 e 7), a explicação para isso é o fato de não haver correferencialidade exata entre Suj e Predict. No caso 2, o impedimento da reversão entre termos dá-se em razão de o Predict ser um qualificativo (*safadinhas*); no 3, por ser um referente categorial (*deputado*); no 4 é porque o SN descriptor se situa, de modo ambíguo, na fronteira entre um elemento (quase) categorial e (quase) atributivo; no 6 é pelo fato de a informação nova, focal e específica concentrar-se no Predict, sendo o Suj uma expressão modalizadora genérica; o 7, pela própria formação – tendo o Suj como categoria vazia –, exige fixidez de posição do Predict. Tal formação (com Suj nulo – uma instanciação subesquemática já prevista no esquema genérico) identifica o *link* por subparte entre essa microconstrução e a estativa matriz.

Em relação aos aspectos morfossintáticos, nessas microconstruções, é prevalente o SN na condição de Suj, seguindo-se o uso convencional. Quanto ao Predict, o Quadro 1 mostra serem mais recorrentes as categorias SN ou Or e menos comuns SP ou SAdv para ocupar esse *slot*. O fato de SN ser uma categoria frequente no Predict deve-se à sua natureza identificativa/categorial, sendo, assim, o que melhor codifica um *ente*. Quanto à preferência por SA como atributo no Predict – categoria não marcada nessa função –, esta se dá em razão de seu caráter qualificativo.

Cabe assinalar que a versatilidade do Predict para se expressar por meio de diferentes categorias nas microconstruções com *ser* – quer sejam +lexicais quer sejam +/-lexicais ou +/-gramaticais – pode ser associada ao fenômeno da expansão de classe hospedeira, referido em Himmelmann (2004). Segundo esse autor, o aumento da incorporação de *types* diversos em um dado contexto semântico-sintático está vinculado a alterações do significado básico de uma construção linguística e à sua produtividade. Assim, a diversidade de categorias que podem ocupar o *slot* do Predict

⁷ Aqui, estamos desconsiderando, em parte, o tratamento de base gerativista dado a essa estrutura oracional, conforme se encontra em Assis (2001), por exemplo.

nas microconstruções com *ser* indicia não apenas sua extensão semântica, mas também sua produtividade em frequência de *type*. Ademais, colabora para isso o fato de *ser* ter significado de essência/existência de natureza genérica, semelhante ao que se dá com os chamados verbos “leves”, ou verbos suporte (VIEIRA, 2014). Essa propriedade semântica lhe permite atrair categorias de conteúdos diversos para comporem com ele sentidos variados.

Em vista da função mais copulativa do verbo *ser* nas microconstruções do Quadro 1, situamos tais microconstruções em um ponto fronteiro entre o léxico e a gramática, mais precisamente no domínio gradiente que aqui denominamos +/-Gramática. Essa opção, acompanhando Bechara (2009), baseia-se no fato de esse verbo, mesmo na condição de copulativo, constituir-se como núcleo de predicado, ainda preservando, em parte, o significado específico de *essência permanente*. Nessa condição, *ser* encontra-se na zona difusa entre verbo nuclear e verbo transpositor, de caráter funcional, em sua trajetória de gramaticalização, conforme entende Travaglia (2003).

Com base em Coelho (2006), Castilho (2010), Rodrigues e Cecilio (2012), Pavão e Vieira (2013), defendemos que as microconstruções do quadro mostrado anteriormente são as que estão mais diretamente vinculadas à CE [(X_{SUJ}) Ser_{COP} Y_{PREDICT}] ESSÊNCIA/EXISTÊNCIA, com *ser* copulativo, devido à sua natureza predominantemente identificacional ou atributiva. Pela recorrência de uso (conforme apontada na nota de rodapé 4), essas noções são consideradas as expressões copulativas fundamentais prototípicas no português. Em vista disso, é bastante provável que funções mais lexicais bem como outras mais gramaticais de microconstruções com *ser* decorram, por meio de algum *link* de herança, dessas microconstruções copulativas, em especial a de *identificação* pelo fato de esta ser mais diretamente relacionada à ideia de *essência*.

Observemos, agora, o quadro que segue, com microconstruções em que o verbo *ser* exhibe propriedades nitidamente lexicais, correspondentes às de verbos nocionais/plenos:

Quadro 2. Microconstruções com o verbo *ser* com valores
nacionais/plenos (+lexical).

Significados e configurações formais	Construtos exemplificativos
8. Localização (situar-se/ficar) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{SITUAR-SE} [SP/SAdv] _{LOCAL}]	(8) ... cheguei em torno de... nove horas no meu antigo estágio na Light <i>que é na Presidente Vargas...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 39).
9. Realização (realizar-se/transcorrer) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{REALIZAR-SE} [SP/SAdv] _{LOCAL/TEMPO}]	(9) À noite <u>seria</u> a comemoração do aniversário de minha amiga. (VOTRE; OLIVEIRA, 1997, p. 28).
10. Ocorrência (haver/acontecer) [Ser] _{HAVER} [SN] _{OCORRÊNCIA}]	(10) ... todo mundo caiu na risada e <u>foi</u> a maior gozação... (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 48).
11. Posse (pertencer) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{PERTENCER} [SP/SN] _{POSSUIDOR}]	(11) Na verdade não é meu quarto... <u>é</u> meu e do meu irmão. (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 109).
12. Pertencimento (fazer parte) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{FAZER PARTE} [SP] _{GRUPO}]	(12) Um dia, um menino <i>que é da minha sala</i> estava segurando a bola com os pés. (VOTRE; OLIVEIRA, 1998, p. 59).
13. Valor (custar) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{CUSTAR} [SN] _{PREÇO}]	(13) ... tudo era um roubo... só o refrigerante... né? <i>que era vinte...</i> era um roubo... (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 63).
14. Procedência/Origem (provir) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{PROVIR} [SP] _{ORIGEM}]	(14) ... " <i>você é daqui?</i> " " <i>não... sou de Natal</i> "... ele disse... (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 160).
15. Assunto (versar/falar) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{VERSAR} [SP] _{ASSUNTO}]	(15) ... o filme <u>era</u> sobre um homem <i>que colocaram... trocaram as bolsas...</i> (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 197).
16. Constituência (compor-se/consistir) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{CONSTITUIR-SE} [SP] _{CONSTITUÊNCIA}]	(16) ... o piso da sala e dos quartos <u>é</u> de <i>tábua corrida</i> . (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 49).
17. Responsabilidade (cabere/dizer respeito) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{CABER} [SP] _{RESPONSÁVEL}]	(17) ... <i>a pior parte é comigo...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1998, p. 34).
18. Destinação (prestar-se/indicar-se) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{DESTINAR-SE} [SP] _{FIM}]	(18) ... <i>arruda é pra tirar olho grande...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 39).

continua

Continuação do Quadro 2

Significados e configurações formais	Construtos exemplificativos
19. Suficiência (dar/servir) [[SN] _{SUJ}] [Ser] _{SERVIR} [SP] _{BENEFICIÁRIO}]	(19) ... uma embalagem plástica geralmente para uma pessoa, <i>podendo até ser para duas ou três</i> . (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 91).
20. Existência (ter/haver) [[Ser] _{EXISTIR} [SN] _{EXISTENTE}]	(20) ... <i>são pouquíssimos colégios</i> para muitas pessoas. (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 94).
21. Atingir um ponto no tempo (chegar) [[Quando] [Ser] _{CHEGAR} [SN/SP/SAdv] _{TEMPO}]	(21) ... <i>quando foi esse mês...</i> agora de... outubro... né? ele voltou... (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 137).
22. Verbo vicário (substituto anafórico) [[Ser] _{VICÁRIO} [SN/SP/SAdv/Or]]]	(22) Porque ela <i>mudou</i> muito mesmo mais <i>foi para melhor</i> . (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 50).

Fonte: Autoria própria.

Conforme exposto nesse quadro, *ser* pode assumir valores semânticos de verbos considerados prototipicamente plenos, entre eles, *acontecer*, *custar*, *existir*, *pertencer*, *provir*, *versar*, entre outros. Nesse sentido, esse verbo tem seu caráter copulativo enfraquecido, sobressaindo-se o exercício mais conteudístico/referencial, vinculado a noções relativas a eventos/processos. Sendo assim, essas microconstruções têm estatuto diferente das que são prototipicamente copulativas, expostas no quadro anterior, em que o verbo *ser* tem função predominantemente relacional. Essa visão alinha-se ao que se encontra em Carmo (2004) e Santos (2016) quanto ao caráter lexical desse verbo.

Especificamente em relação aos sentidos de *localização* (8) e *posse* (11), no Quadro 2, vale observar um diferencial quanto à classificação proposta por Mattos e Silva (1994): a autora considera *ser*, nesses casos, como verbo copulativo, participante dos processos relacionais. Todavia, em contextos como esses, entendemos que tal verbo desempenha função mais lexical, equivalendo a outro de conteúdo pleno, exibindo mais características de núcleo sentencial do que de um verbo apenas coadjuvante, como é canonicamente qualificado um verbo relacional (GASPAR, 2011).

Esse fenômeno pode ser relativamente associado a casos de (re)lexicalização e de (res)semanticização, em que um elemento

+/-gramatical adquire *integridade*, isto é, assume propriedades de um item lexical de natureza mais substantiva (NORDE, 2011). Nesse sentido, também consideramos aqui o posicionamento adotado por Halliday (2004) de que *ser*, mesmo integrando processo relacional, pode auxiliar na composição da metafunção ideacional, na qual a transitividade atua.

Embora expresse significados distintos, a maioria dessas microconstruções segue o padrão esquemático [(X) Ser Y], o qual é a configuração prototípica da CE. Apenas três delas apresentam o modelo [Ser Y] – *ser* = *ocorrer* (em 10), *ser* = *existir* (em 20) e *ser* vicário (em 22) –, seguindo a formulação sintática do subesquema com o *slot* do Suj vazio.

Quanto aos aspectos morfossintáticos dessas microconstruções, vemos que nelas predomina a categoria SN como preenchedor do *slot* correspondente ao Suj, que representa a categoria não marcada nessa função. O verbo *ser*, que é o elemento constante na construção, tem formação flexível, posto que pode variar quanto ao modo, tempo, aspecto, pessoa e número. O *slot* Predict, dependendo de seu significado e de sua relação com o Suj, pode ser preenchido pelas categorias SN, SP, SA, SAdv ou Or. No entanto, conforme se verifica no quadro, predomina a categoria SP nessa função, cuja preposição, em alguns casos, reforça o conteúdo expresso por *ser*.

Os diferentes significados de *ser* nessas microconstruções assinalam *links* de herança múltipla, conforme Goldberg (1995). Isso porque, de um lado, elas mantêm traços estruturais da CE copulativa prototípica [X_{SUJ} Ser_{COP} Y_{PREDICT}]; de outro, podem ser relacionadas a construções de natureza variada: transitiva direta (*ser* = *custar*), transitiva relativa (*ser* = *situar-se*, *provir*, *versar*, *destinar-se*) ou inacusativa (*ser* = *existir*, *ocorrer*). A diferença é que, na construção copulativa, Y_{PREDICT} remete, em certo grau, correferencialmente a X_{SUJ}, exprimindo alguma propriedade (identidade, classe, atributo, característica), o que não se dá com essas microconstruções +lexicais, posto que, nelas, *ser* não é propriamente um verbo copulativo, mas nocional – de conteúdo semântico variado – (FERREIRA, 2015), e Y_{PREDICT} não remete a X_{SUJ} correferencialmente; em vez disso, expressa circunstâncias diversas (local, tempo, destinação, preço, procedência, pertencimento, entre outras) em relação a este.

Observados os diferentes conteúdos lexicais expressos por essas microconstruções com *ser* no Quadro 2, é possível inferir que as extensões de significado desse verbo se devem à relação dos eventos e estados que ele expressa com a essência/existência dos elementos

envolvidos nesses eventos/estados, o que é inerente à noção fundamental de tal verbo (essência/existência). Esse entendimento se baseia, por um lado, na associação metonímica de contiguidade que pode ser (pres)uposta em tal relação: EVENTO/ESTADO DE COISAS TÊM “ESSÊNCIA”/EXISTÊNCIA INERENTES (COELHO, 2006); por outro, na ideia de haver um mapeamento metafórico ancorado na correspondência EVENTO/ESTADO DE COISAS SÃO ENTIDADES. Daí o porquê de uma noção poder ser vista em termos da outra, uma vez que estão intrinsecamente associadas em nossa percepção do mundo (TRAUGOTT; DASHER, 2002).

Dado que o verbo *ser* possui conteúdo referente à essência/existência das coisas, estando associado a eventos e estados, constitui um forte candidato para assumir significados de outros verbos – por isso, inclusive, sua versatilidade como verbo vicário, conforme se observa no caso 22 do Quadro 2. Assim, é possível concluir, por exemplo, que *X ocorre = X é/existe; X se localiza = X é/existe em; X se destina = X é/existe para; X pertence/procede = X é de, X custa = X é valor*. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado para os demais casos.

Em razão de essas microconstruções portarem o verbo *ser* em condição mais nocional e menos relacional, com valor semântico idêntico ao de verbos tradicionalmente significativos e nucleares, aproximando-nos da ótica de Gaspar (2011), optamos por inseri-las no domínio que aqui consideramos +Léxico.

Na fronteira entre o léxico e a gramática, podemos também encontrar microconstruções com o verbo *ser* em que este é participante de uma expressão cristalizada não composicional, articulado com outro item, os quais resultam num todo significativo de valor lexical pleno. A seguir, o Quadro 3, em que explicitamos esse caso.

Quadro 3. Microconstruções com o verbo *ser* relativamente nocional (+/- lexical).

Significados e configurações formais	Construtos exemplificativos
23. Habitualidade (costumar) [[SN _{SUJ}] [Ser de] _{COSTUMAR} [Or] _{COMP}]	(23) ... <i>eu não sou de sair muito...</i> mas tem um lugarzinho aqui que é especial... (VOTRE; OLIVEIRA, 1998, p. 44).

continua

Continuação do Quadro 3

Significados e configurações formais	Construtos exemplificativos
24. Duração (durar, levar) [[SN] _{SUJ}] [Ser de] _{DURAR} [SN] _{COMP TEMPORAL}]	(24) ... nesse período... <i>que era de quinze minutos.</i> (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 40).
25. Preferência [[SN] _{SUJ}] [Ser mais] _{PREFERIR} [SN/Or] _{COMP}]	(25) ... <i>eu sou mais Luciano...</i> (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 161).
26. Suficiência (basta) [[Ser só] _{BASTAR} [Or] _{COMP}]	(26) Para fazer picolé de creme <i>é só colocar um litro de leite a ferver...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1996, p. 17).

Fonte: Autoria própria.

Nessas microconstruções, o verbo *ser* forma predicado verbal de conteúdo, entretanto tal conteúdo só se constitui por meio de um *chunk*, nos termos de Bybee (2010), em que *ser* mantém relação de interdependência com outro item, compondo com ele uma unidade verbal significativa (GASPAR, 2011)⁸. Desse modo, pelo fato de o verbo não ter autonomia nocional, antes exibindo propriedade +/-copulativa, e necessitar de um elemento que lhe dê suporte para expressar significado pleno e estabelecer a predicação, parece sensato enquadrá-lo no domínio fronteiro +/-Léxico.

Calcados em Traugott e Dasher (2002), supomos que as formações e os valores lexicais das microconstruções dos Quadros 2 e 3 tenham sido favorecidos pelo processo de inferência pragmática. Ou seja, mediante a negociação de sentidos em contextos específicos, é possível que esses usos de base metonímica/metáforica do verbo *ser*, em associação analógica com a construção copulativa central, tenham adquirido êxito discursivo e se ampliado na língua.

Os *chunks* com *ser* nessas microconstruções permitem-nos afirmar que se constituem, em sua maioria, como expressões especificadas e flexíveis, posto que o verbo pode ser alterado morfológicamente, mas o item que o acompanha permanece invariável. Da mesma maneira que nas microconstruções mais lexicais, nesses *chunks*, predomina o uso de SN como Suj e, no Predict, a preferência é por SN ou por Or, a depender dos significados do Suj e do Predict, respectivamente.

No que diz respeito ao âmbito plenamente gramatical, há uma imensa variedade de microconstruções com *ser* que se distribuem de

⁸ O *chunk* *já era*, por exemplo, em *Jonas pra mim já era* (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 214), talvez, possa também ser incluído no rol dessas microconstruções +/-lexicais pelo fato de, nele, o verbo *ser* juntamente com *já* formar uma expressão idiossincrática não composicional, de valor lexical, significando *cessação/extinção/inexistência*.

forma ainda mais gradiente em razão de, em umas, *ser* exibir mais esvaziamento semântico, maior integração/fixidez morfossintática e não composicionalidade em comparação com seu uso em outras. Essa distribuição se dá, ainda, acompanhando Brinton e Traugott (2005), pelo fato de tais microconstruções se vincularem a diferentes planos de processamento gramatical: intraoracional, interoracional e interacional. Eis os casos identificados nos *corpora* eleitos, considerando os diferentes valores de *ser*:

Quadro 4. Microconstruções com o verbo *ser* totalmente procedural (+gramatical)⁹.

27. Operador de intensidade (muito) [[Or] [Ser] _{INTENSIVO} SA/SAAdv] INTENSIFICADO]	(27) ... <i>ei o clube tá é grande...</i> (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 245).
28. Operador de restrição focal [[Or] [Ser] _{RESTRIÇÃO} [SN/SP/Or] _{COMP} IDENTIFICATIVO]	(28) ... <i>eu gosto mesmo é de ficar cobrando falta...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 12).
29. Operador de passivização [[SN _{SUJ}] [Ser V _{PP}] _{PASSIVA}	(29) ... <i>ela foi impedida de entrar na escola pelo diretor...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 113).
30. Operador modal deôntico (dever) [[Ser p(a)ra] _{OBRIGAÇÃO} [Or]]	(30) <i>Quando bate o segundo sinal é para subir a rampa.</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 67).
31. Operador modal epistêmico (talvez) [[Pode ser] _{INCERTEZA} [Or]]	(31) ... <i>pode ser que eu esteja sendo muito radical...</i> (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 126).
32. Operador modal epistêmico/deôntico/afetivo [[Ser SA/SN] _{MODAL} [Or/SN] _{SUJ}]	(32) ... <i>é preciso ter cuidado de não avariar a peça...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1996, p. 32).
33. Operador modal interrogativo de dúvida [[Será que] _{DÚVIDA} [Or]]?	(33) ... <i>será que é moda nova?</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1998, p. 21).
34. Marcador discursivo de avaliação [É SA/SN/SP] _{AVALIAÇÃO}	(34) <i>É claro... né minha filha... não... é sério...</i> (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 157).
35. Marcador discursivo de confirmação [[Ser] ((isso mesmo))] _{CONFIRMAÇÃO}	(35) <i>E - E sua avó estava velhinha né? I - É...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 115).

⁹ Ficam de fora da relação do Quadro 4 as pronominais *tudo que/quanto é (de) SN (= todos), o que/por que/ como/onde/ quando é que...?* (interrogativo); as conectivas *ser só* (temporal = *logo que*), *ser quando* (temporal = *nesse/naquele momento*), *ser que* (temporal = *ser quando*), *sendo que* (adversativo = *mas*), *seja Y seja/ou Z* (concessivo = *quer... quer*), *sendo assim/assim sendo* (conclusivo = *portanto*), *a não ser que* (condicional = *a menos que*), *tanto é (assim) que* (consecutivo = *por isso*), *quais sejam* (enumerativo = *a saber*), *é que* (explicativo/causal = *porque*), *isto é/ou seja* (reformulativo = *quer dizer*). A razão para isso é o fato de estarem mais afastadas de sua natureza estativa/copulativa central, sendo bastante idiossincráticas.

Fonte: Autoria própria.

As microconstruções desse quadro, em sua maioria, são parcialmente especificadas. Exceções podem ser os casos 31 (*pode ser*) e 33 (*será que*), os quais parecem *chunks* idiossincráticos. Uma observação sobre as microconstruções do quadro é que, em algumas, *ser* é menos integrado/dependente em termos sintáticos, principalmente nos casos 27, 28, 34 e 35; em outras, esse verbo é um item mais incorporado e fixo no *chunk* construcional de que participa, como nos casos 30 a 33, em que ele é suporte modalizador (+nuclear em 30 e 33 – *é para, será que* –; +satélite em 31 e 32 – *pode ser, é preciso*).

Em tais microconstruções, embora o verbo *ser* guarde resquícios semânticos e aspectos sintáticos, em certo grau, da CE copulativa, tem particularidades funcionais e formais que o tornam mais gramatical do que as apresentadas como verbo relacional: não constitui núcleo do SV, tem mais dependência semântico-sintática e fixidez posicional, serve a funções unicamente procedurais. Portanto, dados os valores estritamente gramaticais de *ser* nas microconstruções do Quadro 4, defendemos a alocação delas no domínio +Gramática.

Um aspecto importante nessas microconstruções é seu caráter (inter)subjetivo, no sentido de inscrever a interferência do falante/escrivente no conteúdo informado e/ou de ser orientado para o ouvinte/leitor (TRAUGOTT; DASHER, 2002). Nos casos em que *ser* atua como operador funcional – exemplificados nos construtos (27) a (29) –, destaca-se sua função mais subjetiva, marcando a perspectiva imposta pelo locutor sobre a informação. Nos casos em que tal verbo desempenha papel mais intersubjetivo – ilustrados pelas amostras (30) a (33) –, ele serve de suporte modalizador para expressar a atitude avaliativa do falante/escrivente a respeito do que enuncia, ao mesmo tempo em que direciona crenças/reações do interlocutor quanto ao estado de coisas referido. Nos casos representados pelas ocorrências (34) e (35), *ser* também se presta à intersubjetividade na medida em que, neles, os usos desse verbo marcam a ação responsiva do ouvinte frente ao que foi enunciado pelo falante.

No que diz respeito à variação de microconstruções do quadro em exame, cabe comentar, ainda, o construto (28) – *Eu gosto mesmo é de ficar cobrando falta* –, cuja forma microconstrucional é [Or Ser SN/SP/Or]. Nele, *ser* marca restrição focal de uma informação, deixando pressuposto haver outras opções. Assim, *ficar cobrando falta* é a principal preferência do falante, contrastando com outras atividades possíveis, o que é reforçado pelo Adv epistêmico *mesmo*. Essa forma tem outra “concorrente”, caracterizada pela sequência

[Or_{REL} Ser SN/SP/Or]. Nesse caso, tal construto poderia variar como *O que eu gosto mesmo é de ficar cobrando falta*. Essa constatação leva a supor que o caso exibido em (28) instancia uma microconstrução com *links* de herança múltipla: além da construção copulativa, também herda propriedades da construção transitiva e da que tem um componente focal/saliente em termos informacionais/pragmáticos. Nessa variação, o advérbio de reforço epistêmico *mesmo* pode ocorrer ou não, tanto em uma variante quanto na outra.

Tal variação, assim como a do item 5 no Quadro 1, pode ser vista como o caso de construções que coexistem em uma dada sincronia e podem, eventualmente, até “competir” funcionalmente em algum contexto de uso em razão de compartilharem o “mesmo” conteúdo semântico. Entretanto, com base no princípio da não-sinonímia, expresso em Goldberg (1995), conquanto apresentem similaridade de significado, são distintas no plano discursivo-pragmático, posto que não são intercambiáveis em qualquer situação comunicativa.

A seguir, apresentamos um quadro sintético referente à distribuição da *CE-Ser* no português contemporâneo, conforme discutimos neste trabalho:

Quadro 5: A *CE-Ser* na gradiência léxico-gramática.

Domínios gradientes		+Léxico	+/-Léxico	+/-Gramática	+Gramática
Verbo <i>ser</i>	Plano semântico	+pleno	+/-pleno	-pleno	-pleno
	Plano sintático	+nuclear	+/-nuclear	+nuclear	-nuclear
	Microconstruções	De conteúdo lexical variado	De conteúdo lexical variado	Copulativo (Relacional)	Operador funcional/ Pragmático

Fonte: Autoria própria.

Considerações finais

Neste artigo, delimitamos como foco de interesse a construção estativa com o verbo *ser* (*CE-Ser*) partindo de evidências empíricas de usos desse verbo nos quais ele apresenta valores lexicais e gramaticais distintos em contextos diversos. Nesse caminho, buscamos, de um lado, analisar essa construção, em seus aspectos semânticos e formais, considerando-se a hipótese referente à distribuição de *ser* na gradiência léxico-gramática,

amparando-nos na ideia escalar desses domínios conforme adotada pela LFCU; de outro, considerar fatores cognitivos, discursivos e/ou pragmáticos subjacentes.

Do ponto de vista semântico, essa construção tem como significado central a noção de *essência/existência permanente*, parecendo ser esta a que serviu de base para os demais usos, tanto lexicais quanto gramaticais. Nesse sentido, as microconstruções copulativas, em especial as de valor identificativo e qualificativo, indicam ser as principais representantes, em razão de sua ideia de *estabilidade ontológica* e por serem as mais comuns no português atual. Em termos formais, constatamos que a *CE-Ser* se configura, majoritariamente, com base no esquema $[[X_{\text{SUJ}}]]$ $[\text{Ser}_{\text{COP}}]$ $[Y_{\text{PREDICT}}]$, que é o padrão convencional/prototípico da CE matriz, o qual abarca um conjunto de subesquemas instanciados por microconstruções variadas.

Com base na verificação de que a *CE-Ser* tem este verbo com propriedades funcionais e formais dispersas na escala entre léxico e gramática, identificamos as microconstruções com *ser* no *continuum* desses domínios conforme o seguinte: +Léxico, +/-Léxico, +/-Gramática e +Gramática. No domínio +Léxico, incluem-se as microconstruções em que *ser* tem significado equivalente a um verbo nocional, de conteúdo pleno, com estatuto nuclear no SV. No +/-Léxico, encontram-se as microconstruções nas quais *ser* se vincula a outro termo para compor um todo significativo de valor lexical, tendo esse verbo centralidade atenuada no SV. No +/-Gramática, situam-se as microconstruções copulativas propriamente ditas, ou seja, aquelas em que *ser* desempenha função mais relacional (de ligação) e se mostra desbotado de conteúdo – o que o afasta dos verbos nocionais –, porém ainda mantendo sua posição de verbo principal. No +Gramática, estão as microconstruções com *ser* (quase) “diluído” em expressões de natureza notadamente procedural. São formações nas quais esse verbo atua como operador direto ou suporte de alguma noção funcional, desprovido de integridade semântica e de independência sintática. Vale frisar, ainda, que essa gradiência também se verifica mesmo dentro desses domínios, o que torna, em certos casos, a classificação de *ser* difusa e complexa. Sob essa ótica, o estudo feito aqui se diferencia tanto das abordagens que tomam *ser* como um verbo meramente relacional, dessemantizado quanto das que o veem de maneira discreta, desempenhando função ora lexical, ora gramatical.

A diversidade de tais microconstruções nesse *continuum* evidencia a alta produtividade da CE com esse verbo em termos de frequência de *type*, envolvendo, principalmente, *links* de herança múltipla. Essa diversidade está diretamente associada ao grau de especificidade e de analisabilidade das microconstruções que a instanciam, sendo a maioria delas parcialmente preenchida e flexível, com variada transparência entre forma e significado. Associa-se, ainda, a processos/mecanismos cognitivos e sociodiscursivos – como metonímia, metáfora, analogia, (inter) subjetividade, inferenciação, *chunking*, neoanálise –, os quais, conforme vistos em nossa análise, coadunam para a versatilidade multifuncional da CE-Ser no português atual.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Telmo C. Sintaxe-semântica das construções estativas em português. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 71-84, 1984.

ASSIS, Cristiane K. de. *Sentenças clivadas e pseudo-clivadas no português brasileiro*. 2001. 75 f. Dissertação de Mestrado em Linguística. Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2001.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

BECKNER, Clay *et al.* [The Five Graces Group]. Language is a complex adaptive system: position paper. In: ELLIS, Nick C.; LARSEN-FREEMAN, Diane (Ed.). *Language as a complex adaptive system*. Michigan: University of Michigan, 2009. p. 1-26. (Language Learning, 59).

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak; Maria Luíza Neri. Revisão Isaac N. Salum. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. (Linguagem Crítica).

BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth. C. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions: Special Vol. 1*, Leuven, p. 1–28, 2006.

CARMO, Sandra Máisa V. *Sintaxe e semântica do verbo ser no romance Em nome da terra de Vergílio Ferreira*. 2004. 239 f. Dissertação de Mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesa. Universidade da Madeira, Funchal, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, Sueli Maria. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua portuguesa*. 2006. 323 f. Tese de Doutorado em Linguística. Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: OUP, 2001.

_____. *Verbs: aspect and argument structure*. New Mexico: New Mexico University, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FERREIRA, Bruna Góis. P. *Construção relacional: estado, mudança e resultado*. 2015. 136 f. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

FRIED, Mirjam. Construction grammar. In: KISS, Tibor; ALEXIADOU, Artemis (Ed.). *Syntax: theory and analysis. An international handbook*, v. 2. Berlin; Munich; Boston: Mouton de Gruyter, 2015. p. 974-1003. (Handbooks of Linguistics and Communication Science).

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. (Org.). *Banco conversacional de Natal*. Natal: EDUFRN, 2011.

_____.; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: princípios básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GASPAR, Lisete A. *Traços sintáticos-semânticos dos verbos SER, ESTAR, HAVER E TER no Leal Conselheiro de D. Duarte*. 2011. 211 f. Tese de Doutorado em Letras. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, Michael A. K. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: H. Arnold, 2004.

HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (Ed.). *What makes grammaticalization? - a look from its fringes and its components*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato M. O verbo. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. II. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008. p. 163-365.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1994.

NORDE, Muriel. Degrammaticalization. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 475-487.

ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction discourse: a prolegomenon. In: _____.; FRIED, Mirjam (Ed.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 121-144.

PAVÃO, Bruna G.; VIEIRA, Márcia dos Santos M. Predicações com os verbos relacionais ser e estar. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 34-52, dez. 2013.

RIBEIRO, Maria. O hibridismo de ser e a distinção ser/estar em português do séc. XIII. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 96-118, jan.-jun., 2019.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.

RODRIGUES, Bruno de A.; CECILIO, Livia A. Ser ou Estar: eis a questão! uma proposta de descrição de usos voltada para o ensino de PLE. *Revista Escrita*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 1-19, 2012.

ROSÁRIO, Ivo. da C.; OLIVEIRA, Mariangela. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

SABINO, Marília. C. *Construções com o verbo ser: uma abordagem centrada no uso*. 2020. 160 f. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, no prelo.

SANTOS, Ana Lúcia dos. *Usos dos verbos ser e estar no português brasileiro: uma abordagem funcional*. 2016. 355 f. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Departamento de Letras, PUC-SP, São Paulo, 2016.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

_____.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Verbo ser: um verbo essencialmente gramatical. *XII Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2003.

VIEIRA, Márcia dos Santos M. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. *Soletas*, Rio de Janeiro, Dossiê 28, p. 99-125, jul.-dez., 2014.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore V. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Coimbra: Almedina, 2001.

VOTRE, Sebastião J.; OLIVEIRA, Mariangela R. de (Org.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. Disponível em: <<https://discursoegramatica.wordpress.com/corpus/>>.

_____.; _____. (Org.). *A língua falada e escrita na cidade de Rio Grande: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. Disponível em: <<https://discursoegramatica.wordpress.com/corpus/>>.

_____.; _____. (Org.). *A língua falada e escrita na cidade de Juiz de Fora: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. Disponível em: <<https://discursoegramatica.wordpress.com/corpus/>>.

_____.; _____. (Org.). *A língua falada e escrita na cidade de Niterói: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. Disponível em: <<https://discursoegramatica.wordpress.com/corpus/>>.

Abstract

The stative construction with the verb *to be*

In this paper, our object of study is the stative construction with the verb to be – CE-Ser. We aim to analyze uses of this construction in contemporary Portuguese considering the lexicon-grammar continuum. In this sense, we differ, above of all, from approaches to which the verb to be is merely relational and meaningless. The analysis is of a qualitative-interpretative nature, based on Functional Usage-based Linguistics as well as Construction Grammar. The database comes from Corpus Discurso & Gramática (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, 1996, 1997, 1998; FURTADO DA CUNHA, 1998) and Banco Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA, 2011), comprising texts in spoken and written modalities. The results indicate that the be-construction is instantiated by a gradient range of microconstructions, which are distributed between those in which to be is more lexical and those in which this verb has a purely procedural role. In this variety of uses, cognitive and discursive-pragmatic factors are implicated as motivating mechanisms.

Keywords: *Stative construction. Verb to be. Usage-based Functional Linguistics. Construction Grammar.*